

*FRAME DE CONVERSAÇÃO EM CORPORA ESCRITOS: BUSCA POR
COMPOSTOS DE DISCURSO DIRETO NO SKETCH ENGINE*

*THE CONVERSATION FRAME IN WRITTEN CORPORA: SEARCHING FOR
DIRECT SPEECH COMPOUNDS IN THE SKETCH ENGINE*

José Carlos da Costa Júnior¹

RESUMO: Analisamos a ocorrência de compostos de discurso direto (CDDs, como “*casquinho não me perca na neve; dia do Fico*”, entre outros padrões) em cinco *corpora* compilados no *Sketch Engine*, com o intuito de verificar sua produtividade em textos escritos de vários gêneros textuais. No resultado encontrado, a estrutura SN+ (PREPOSIÇÃO “DE”) + ANGULADOR (TIPO) ASSIM + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO é uma forma de enquadrar parcialmente um sintagma nominal por um angulador, dando-lhe mais vivacidade em virtude de um enunciador fictivo, que representa genericamente enunciadores reais por efeito de processos metonímicos subjacentes.

Palavras-chave: composto de discurso direto; linguística cognitiva; *frame* de conversação.

ABSTRACT: We analyzed the occurrence of direct speech compounds (DSC, such as “*casquinho não me perca na neve*” e “*dia do Fico*”, among other patterns) in five *corpora* compiled on *Sketch Engine*, in order to verify its productivity in written texts of various textual genres. In the result found, the structure NP (P) (PREPOSITION “DE”) + HEDGE (TIPO) ASSIM + DIRECT SPEECH MODIFIER is a way of partially framing the scoped nominal phrase, which provides it with vivacity due to a fictive enunciator that generically represents real enunciators through underlying metonymical processes.

Keywords: direct speech compound; cognitive linguistics; conversation frame.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é descrever e analisar o resultado de uma pesquisa em *corpora* de escritos de uma construção denominada composto de discurso direto

¹ Doutorando, UFMG.

(CDD). Os CDDs são entendidos como “um composto nominal cujo modificador pode servir como uma unidade autossuficiente do discurso” (PASCUAL, 2014, p. 114). Essas construções são caracterizadas por apresentarem uma base nominal modificada ou complementada por um discurso direto fictivo baseado em nosso conhecimento acerca de interações cotidianas denominada de *frame* de conversação (COSTA JÚNIOR, 2016; PASCUAL, 2014). Já o termo fictivo, de modo sucinto, significa que o modificador na forma de turno de fala fictivo não tem força ilocucionária, conforme detalhado na subseção 2.1; construções como “maquiagem *eu nasci linda*”, “carinha de *me leva pra casa*” e “gerações do tipo: *se eu não correr atrás de você a gente não se fala*” são alguns desses exemplos.

Até o momento, a pesquisa por CDDs havia se restringido a buscas na *internet* (PASCUAL, 2014; COSTA JÚNIOR, 2016) e em um *corpus* oral (COSTA JÚNIOR, 2016), o C-Oral — Brasil (RASO, MELLO, 2012), de forma que havia uma lacuna acerca dessas construções em *corpora* de modalidade escrita. Dessa vez, propomos uma pesquisa no *Sketch Engine*², plataforma que permite tanto a construção quanto a pesquisa em *corpora* já disponíveis, em diversas línguas. Para este trabalho foram construídos cinco *corpora* específicos, a saber: *corpus* de textos do Romantismo Brasileiro; *corpus* de discursos políticos de Michel Temer e Dilma Rousseff; *corpus* de críticas de cinema e *corpus* de redações nota mil do Enem, os quais são descritos na seção 3. Como em pesquisa anterior (COSTA JÚNIOR, 2016) não havia sido encontrado nenhum exemplo de CDD em textos literários, um dos *corpora* utilizados neste trabalho foi construído e balanceado para ser representativo (BIBER, 1993, p. 245) desse tipo de texto e do Romantismo Brasileiro, com mais de 1 milhão de palavras. A opção pelo Romantismo se justifica devido ao fato de serem textos gratuitos e disponíveis para consulta em domínio público.

² Disponível em: <<https://www.sketchengine.eu/>>. Acesso em 31 de março de 2019. O uso do *Sketch Engine* requisita um cadastro e é gratuito por um período limitado de tempo.

As perguntas de pesquisa deste trabalho são: Os CDDs ocorrem em gêneros literários, tais como o romance, o teatro e a poesia? Qual seu padrão sintático mais produtivo e frequente nos *corpora* pesquisados, assim como suas implicações semânticas nos resultados encontrados?

Este trabalho se organiza conforme o exposto. Na seção 2, é apresentada a fundamentação teórica utilizada, tais como o *frame* de conversação, os padrões morfossintáticos e os principais efeitos discursivos dos CDD atestados em pesquisas anteriores. Na seção 3, é detalhada a metodologia deste trabalho e a busca efetuada nos *corpora*, além de uma sumarização das principais características e distribuição de dados desses *corpora*. Por fim, a análise dos resultados é apresentada na seção 4, enquanto as considerações finais têm lugar na seção 5.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O *FRAME* DE CONVERSAÇÃO

A concepção de que o significado se relaciona intimamente a conceitos prototípicos na mente humana é uma constante em Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; FILLMORE, 1985). Charles Fillmore (1985), por exemplo, defende que esses protótipos são um tipo de cena, não apenas as visuais, mas também aquelas relativas a comportamentos interpessoais ou a cenários-padrão em uma determinada cultura.

Em termos linguísticos, uma palavra ativa uma porção de conhecimento, a qual ativa outras palavras a ela relacionadas em uma cena esquematizada por um padrão de expectativas a serem correspondidas, como em uma rede de conhecimento. Não por acaso, a definição de *frame* do autor é de “uma estrutura de conhecimento unificado, ou esquematizações coerentes da experiência.” (FILLMORE, 1985, p. 223).

Os seres humanos possuem um conhecimento esquematizado acerca de interações cotidianas que pode ser denominado *frame* de conversação. Esse *frame* contempla conhecimentos compartilhados acerca de interações que um indivíduo tem ao longo de sua vida. Trata-se de um conhecimento não apenas relativo ao léxico, mas também de guias culturais e sociais em interações de seu dia a dia. Assim, as expectativas geralmente seguidas em monólogos, diálogos e conversas com mais participantes, tais como regras de tomadas de turno, interrupções, silêncio, polidez e preservação da face, por exemplo, fazem parte desse *frame* de conversação.

Essa estrutura de conhecimento se manifesta nos CDDs na forma de um discurso direto fictivo, o qual pertence a um fenômeno mais amplo denominado *interação fictiva* (PASCUAL, 2014). De forma sucinta, pois não se trata do foco deste trabalho, a interação fictiva pode ser definida como “um canal de comunicação não tangível e não verídico, ainda que onipresente, introduzido pelos participantes do discurso em suas interações” (p. 16, em tradução livre). O fato de ser não tangível e não verídico significa basicamente que, no caso dos CDDs, o discurso direto que faz parte do composto é um enunciado sem força ilocucionária (SEARLE, 1975). Considere-se o exemplo a seguir:

a. Casaquinho (SN) *mamãe, não me perca na neve* (MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO FICTIVO)³

No exemplo (a), tem-se um CDD formado por um nome e por um modificador em discurso direto. Este último não se refere a uma interação que tenha ocorrido de fato. Trata-se de uma forma de recriação lexical baseada em nosso conhecimento compartilhado acerca da língua portuguesa em interações cotidianas, com função básica de adjetivação do SN.

³ Disponível em: <<https://www.enjoei.com.br/categoria/mocas-roupas-casaquinhos>>. Acesso em 31 de março de 2019.

No caso de (a), o modificador “*não me perca na neve*” não foi necessariamente enunciado por alguém, como em uma interação real, e tampouco possui, em si, uma força ilocucionária que poderia ser-lhe usualmente atribuída, tal como uma ordem ou um alerta a algum outro falante em uma interação hipotética. Não há interlocutor diretamente previsto para o modificador de um CDD. Não há qualquer interação estritamente esperada após a enunciação do modificador caso fosse tomado como ordem ou alerta. Por essa razão, esse discurso direto é fictivo, e o sentido é de um casaco com cor muito chamativa, no caso, um tom de laranja forte que destoaria demasiadamente do branco da neve.

O termo *fictiva* em *interação fictiva* se ancora a um fenômeno ainda mais amplo, denominado *fictividade* (TALMY, 2000; *virtualidade*, em LANGACKER, 1999; *fictividade*, em LANGACKER, 2008). Leonard Talmy (2000) define o termo “fictividade” como um padrão cognitivo de representações discrepantes de um mesmo objeto, sendo uma delas avaliada como mais e a outra como menos verídica. Em outros termos, o conceptualizador é capaz de conviver com conflitos cognitivos na produção e interpretação do sentido, ora mais denotativo, ora mais conotativo, sem que ambos se excluam.

Em pesquisa anterior (COSTA JÚNIOR, 2016), cuja metodologia é, em parte, replicada neste trabalho e detalhada na seção 3, foram encontrados 44 CDDs na *internet*, em diversos gêneros textuais, e 1 CDD em *corpus* oral. A partir desses exemplos, foram identificados quatro tipos de padrões morfossintáticos em que essas construções se manifestavam no português brasileiro, padrões esses explicitados com exemplos a seguir. O padrão IV é um tipo de cruzamento vocabular, de forma que optamos por representar o sintagma nominal (SN), característico de todos os outros padrões, apenas por seu núcleo, um substantivo.

Padrão (i): SN + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO: *maquiagem eu nasci linda*, *sandália e casaquinho mamãe não me perca na neve*, *esmalte me abraça*, *aliança eu escolhi esperar*.

Padrão (ii): SN+ PREPOSIÇÃO “DE” + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO: *geração do eu mereço*, *olhar de me leva pra casa*, *postura de eu quero que você suporte ouvir o que lhe desagrada, mas não suporto o desagrado de ouvir que o que eu disse lhe desagradou*.

Padrão (iii): SN+ (PREPOSIÇÃO “DE”) + ANGULADOR (TIPO) ASSIM + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO: *Boquinha de moranguinho... assim, me sujei com morango, sabe?*; *odeio gerações do tipo: se eu não correr atrás de você a gente não se fala*.

Padrão (iv) SUBSTANTIVO + DISCURSO DIRETO (cruzamento vocabular): *maquiadoro, maquiamo, chocolateamo*.

Os padrões com maior quantidade de ocorrências nessas buscas foram II, I, IV e III, respectivamente.

Já o tempo e aspecto verbal dos CDDs encontrados em COSTA JÚNIOR (2016) são sistematizados no quadro a seguir. Não foi encontrado nenhum CDD no imperfectivo passado (ver LANGACKER, 2008, p. 147, para uma discussão detalhada). Ainda é necessária uma pesquisa específica acerca desse tipo de aspecto nos CDDs, mas é possível verificar que alguns exemplos geram estranheza quando mudamos o aspecto do verbo para imperfectivo, tais como “*maquiagem eu nascia linda*”, em vez de “*maquiagem eu nasci linda*”; “*camisa laranja chegava*”, no lugar de “*camisa laranja cheguei*” ou “*aliança eu escolhia esperar*”, em vez de “*aliança eu escolhi esperar*”.

De forma geral, a ausência de CDDs com verbos no imperfectivo passado sinalizam maior movimento da cena evocada pelo discurso direto, principalmente pela presença do perfectivo passado, como que para realçar eventos delimitados

temporalmente. Isso significa que a maioria dos CDDs encontrados até agora possuem verbos que mostram mais a passagem de um evento a outro, que marcam situações já ocorridas, no perfectivo passado, do que situações mais estáticas ou descrições no imperfectivo passado. Tzvetan Todorov (1979) também faz essa consideração aspectual ao se referir ao movimento da narrativa literária, que seria fundamentada principalmente na passagem de uma situação de equilíbrio, marcada por descrições no imperfectivo passado, a uma situação de desequilíbrio, marcada por situações que impulsionam a narrativa, em geral, por verbos no perfectivo passado e no perfectivo presente. Nesse sentido, a presença do perfectivo passado nos CDDs parece forjar uma estrutura conceptual com eventos mais delimitados temporalmente, ainda que esses eventos tenham seu sentido modificado pelo holístico da construção, já que a presença de um SN faz com que o discurso direto fictivo haja como um modificador e perca sua força ilocucionária.

TEMPO E ASPECTO VERBAL NOS CDDs	
CDDs	TEMPO E ASPECTO
Maquiagem <i>acordei</i> e <i>sou linda</i>	PERFECTIVO PASSADO E IMPERFECTIVO PRESENTE
Maqui <i>amo</i>	IMPERFECTIVO PRESENTE
Almoço com cara de já te <i>vi</i> ontem	PERFECTIVO PASSADO

Quadro 1— Aspecto e tempo verbal nos CDDs

2.2 PRINCIPAIS EFEITOS DISCURSIVOS

Os CDDs são um recurso linguístico persuasivo em função do entrincheiramento do *frame* de conversação na cognição dos sujeitos, isto é, da capacidade que os indivíduos possuem de entender situações linguísticas, ou não, relacionadas a interações cotidianas. Com isso, torna-se um recurso impactante no âmbito do humor

(“almoço *já te vi antes*”), da caricatura (“boquinha de moranguinho, assim, *me sujei com morango, sabe?*”), da crítica (“A turma do *eu me acho*”) e da persuasão ideológica (“aliança *eu escolhi esperar*”).

Na fala espontânea, COSTA JÚNIOR (2018a) sugere que a construção (“abraço *ei, querida*”) foi uma das formas de o animador⁴, que fazia um discurso reportado, ameaçar e expor a face da figura⁵ em questão com um enunciado (*ei, querida*) utilizado previamente na mesma interação que reporta, de forma que um enunciado se desloca de seu contexto prévio para fictivizar-se em um adjunto adnominal do SN (abraço). Dessa forma, “abraço *ei, querida*” tem o sentido próximo a um *abraço falso*. Isso significa que os CDDs são marcados pela criatividade e pela possibilidade de criar palavras *online*, já que é possível utilizar um enunciado de uma interação para modificar um item lexical nominal qualquer. Portanto, um novo item lexical é formado na interação e pode ficar restrito a ela, com consequente baixa possibilidade de lexicalização na língua. Essa dificuldade de lexicalização também é acompanhada pela relativa maior complexidade estrutural de alguns CDDs, visto que há compostos muito extensos e de chance reduzida de lexicalização na fala devido à maior dificuldade de processamento.

Nos CDDs de cruzamento vocabular COSTA JÚNIOR (2018c), defendemos que o efeito discursivo predominante é a ativação de um *frame* de avaliação positiva a respeito do nome que o discurso direto fictivo modifica devido à interpretação de papéis sintáticos e interface com fenômenos fonológicos de supressão e haplologia (ver LEAL, 2006, p. 44 para uma descrição detalhada sobre haplologia). Em *maquiadoro* e *maquiamo*, por exemplo, há supressão da última sílaba do núcleo nominal (-gem) e uma clara transitividade envolvida com o sentido de “adoro maquiagem” e “amo maquiagem”, respectivamente. Já em *chocolateamo*, o mais

⁴ Segundo Goffman (1998, p. 87), animador é o que performa o enunciado de um autor em um discurso reportado.

⁵ Conforme Goffman (1998, p. 87), o protagonista é descrito em uma cena reportada. Nesse caso, uma apresentadora de televisão.

provável é que ocorra uma ressignificação da última sílaba de *chocolate*, alçando a clítico o que era uma forma presa ao radical *chocolat-* (t) e sua vogal temática (e) devido a uma haplologia. Por isso, podemos interpretar [[okolatʃi'ãmu] como “chocolate + te amo”. Consequentemente, o valor sintático do composto em questão seria de um vocativo (chocolate) seguido do complemento e verbo (te amo).

Essa possibilidade de interpretar “chocolate, te amo” ativa um conhecimento esquematizado a respeito de uma possível declaração de amor ao produto, que pode influenciar de modo positivo a avaliação do comprador dessa loja virtual, tal como nos outros exemplos (*maquiadoro* e *maquiamo*). Isso sugere um efeito mais argumentativo e descritivo desses CVs em relação a outros tipos de CVs, tais como *boilarina* e *lixeratura* (cf. BASÍLIO, 2010), nos quais os efeitos humorísticos se devem a uma estrutura emergente do espaço mescla (cf. FAUCONNIER, TURNER, 2002, p. 43) diferente das dos *inputs* que as formam. Assim, *boilarina* e *lixeratura* não são a soma de suas partes e têm um sentido completamente diferente dessa soma. Por isso, o sentido dos CVs de discurso direto encontrados nessa pesquisa é mais sintático e composicional, uma vez que *maquiadoro*, por exemplo, significa “adoro maquiagem”, isto é, a parte nominal do CV funciona como um tipo de complemento do verbo *adoro*. Por outro lado, em *boilarina* e *lixeratura*, a predicação é semântica e nova, ou seja, *boilarina* (boi + bailarina) é uma bailarina fora de forma e desajeitada, enquanto *lixeratura* (lixo + literatura) é uma literatura de qualidade muito ruim. Assim, enquanto nos CDDs o sentido é mais composicional e previsível, em *boilarina* e *lixeratura* há maior mesclagem do conteúdo semântico das bases, pois o sentido de uma base incide diretamente sobre a outra, gerando uma nova estrutura conceptual diferente das palavras que a formaram.

Também convém destacar que a relativa imprevisibilidade linguística do *frame* de conversação na forma de discurso direto — que não ocorre apenas com verbos ou dêiticos de primeira pessoa, como em “abraço, *ei, querida*” — foi uma das principais

dificuldades encontradas para localizar essas construções, tanto na pesquisa na *internet* e *corpus* oral (COSTA JÚNIOR, 2016), quanto na pesquisa em *corpora* escritos no *Sketch Engine*, descrita na metodologia a seguir.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi dividida em dois momentos. Em primeiro lugar, foram compilados 5 *corpora* na plataforma *Sketch Engine*, descritos sumariamente na Tabela 1 da subseção 3.1. Posteriormente, foi efetuada uma busca na referida plataforma, conforme seção 3.2, para verificar a ocorrência dos quatro padrões sintático-semânticos dos CDDs nesses *corpora*.

3.1 OS CORPORA

ESTRUTURA GERAL DOS <i>CORPORA</i> PESQUISADOS				
<i>Corpora</i>	Gêneros	Balanceamento	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
Textos do Romantismo	Romance; drama; poesia.	16 romances; 8 dramas; 8 livros de poesia.	58.007	1.150.019
Discursos de Michel Temer	Discursos políticos e entrevistas.	47 discursos; 3 entrevistas.	10.109	91.633
Discursos de Dilma Rousseff	Discursos políticos e entrevistas.	47 discursos; 3 entrevistas.	7.585	68.157
Críticas de Cinema	Críticas de cinema.	54 críticas de filmes.	10.210	61.325
Redações nota 1000 do Enem	Dissertação argumentativa.	64 redações entre 2009-2017.	4.725	31.226

Tabela 1— Estrutura geral dos *corpora* pesquisados.

Os *corpora* foram compilados por meio da plataforma *Sketch Engine*. Trata-se de *corpora* de tamanhos e gêneros textuais diversos e cujas informações principais são sumarizadas na tabela a seguir. As colunas *type* e *token* indicam, respectivamente, a quantidade de palavras diferentes e a quantidade total de palavras de cada *corpus*, repetidas ou não.

Todos os *corpora* da Tabela 1 são de discursos monitorados e de modalidade escrita, com exceção dos discursos políticos, os quais são, em geral, lidos, mas não podem ser considerados espontâneos. Em tese, o alto monitoramento, característico de todos os gêneros da Tabela 1, seria favorável à ocorrência de CDDs. Isso ocorreria devido ao fato de essas construções possuírem modificadores não raro muito extensos e de difícil ativação em interações espontâneas. Exemplos como “geração do *eu mereço*” e “turma do *eu me acho*”, apesar da aparente informalidade e aproximação com o discurso oral, foram encontrados em manchetes e textos de artigos de opinião de jornal⁶, disponibilizados digitalmente.

Apesar de não mencionado em COSTA JÚNIOR (2016), ainda não existem registros dessas ocorrências em gêneros literários no português. Nesse sentido, o *corpus* do Romantismo serve como uma primeira pesquisa em gêneros literários.

3.2 A BUSCA

A primeira constatação a respeito da busca a ser efetuada é a de que o *frame* de conversação dificulta a formalização de padrões sintáticos do discurso direto. Isso decorre da variabilidade de sua manifestação, que não possui apenas construções com sujeito e verbos com desinências em primeira pessoa, mas dêiticos, interjeições e

⁶ “Geração do eu mereço”. Disponível em:

<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI247981-15230,00.html>>. Acesso em 31 de março de 2019. “Turma do eu me acho”. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2012/07/turma-do-eu-me-acho.html>>. Acesso em 31 de março de 2019.

vocativos que permitem identificar um enunciador fictivo em primeira pessoa, quer seja do plural, quer seja do singular. Conseqüentemente, a busca deve ser baseada na periferia mais à esquerda dos três primeiros padrões, já explicitados na subseção 2.1. Na prática, isso significa que é necessário ler todos os resultados encontrados para detectar o discurso direto fictivo como modificador.

Por essas razões, o presente trabalho se inspira parcialmente no percurso metodológico de Costa Júnior (2016) e Pascual (2014). Os autores sugerem núcleos nominais que supostamente seriam produtivos nas pesquisas acerca dessa construção. Segundo Pascual, esses núcleos mais comumente denotam:

- A. Indivíduo como um participante comunicativo
- B. Tipo de ato comunicativo
- C. Meio de comunicação
- D. Instrumentalidade
- E. Estado mental ou emocional
- F. Tempo e espaço

Em A, trata-se de um tipo de CDD no qual os modificadores tendem a ser a fala de indivíduos fictivos utilizadas para metonimicamente definir quem eles são ou como as pessoas se dirigem a eles. Por exemplo: “Geração *eu sou especial*” (“*I am special*”*generation*). (PASCUAL, 2014, p. 133).

Já o item B diz respeito a núcleos nominais que denotam um ato comunicativo, por exemplo “comentário”, “mensagem”, “desculpa”, “conversa”.

O item C tem vários subitens, mas o sentido geral de seus núcleos lexicais é o de portadores de informações, pontua Pascual. A autora considera que, nessa categoria, “o meio de comunicação é caracterizado pelo tipo de ato denotado pelo modificador”

(PASCUAL, 2014, p. 133-134). São exemplos desse padrão: “cartões de *sim, fique bem logo*” e “adesivo *sim, eu sou o dono da estrada*”.

O item D associa planos, ações, eventos ou projetos que são caracterizados pelo que é fictivamente dito ao público de cada uma dessas coisas. Por exemplo: “Programa *nós nos importamos*” (“*We care*” program) e “Campanha *mantenha a Grã-Bretanha limpa*” (“*Keep Britain tidy*” campaign). (PASCUAL, 2014, p. 137).

Por sua vez, o item E diz respeito aos núcleos lexicais mais produtivos formados por nomes referentes a estados mentais ou emocionais. Exemplo: “Filosofia do *não se intrometa a menos que seja necessário por razões de segurança*” (“*don’t-intrude-unless-needed-for-security*” philosophy). (PASCUAL, 2014, p. 139).

Por fim, o item F diz respeito aos núcleos nominais cujo conteúdo conceptual refere-se a tempo e espaço. Esses núcleos são “lugar”, “marca”, “ano”, “estágio”, “era” e “situação”. Por exemplo: “Estágio *não, eu não irei dormir e não se atreva a me deixar sozinho no meu berço!*” (“*no, I will not go to sleep- and don’t you dare leave me alone in my crib!*” stage). (PASCUAL, 2014, p. 141).

Apesar de isso enviesar a busca no sentido de que apenas resultados com esses núcleos seriam localizados, trata-se de uma pesquisa com o intuito de categorizar padrões e estudar suas ocorrências de modo contextualizado enquanto não é possível mapear de modo efetivo o *frame* de conversação. De qualquer forma, em pesquisa anterior, foram encontrados 44 CDDs por meio de metodologia muito semelhante, de forma que, de fato, esses núcleos nominais podem ser recorrentes na estruturação de CDDs. Dessa forma, a Tabela 2, a seguir, apresenta os 92 núcleos nominais utilizados por Costa Júnior (2016).

NÚCLEOS NOMINAIS PESQUISADOS	
Sugestões de Pascual (2014)	Sugestões de Costa Júnior (2016)
“povo”, “grupo”, “geração”, “tipo”, “comentário”, “mensagem”,	“turma”, “galera”, “gente”, “gentinha”, “conversinha”, “papo”, “papinho”,

“desculpa”, “conversa”, “reprovação”, “discussão”, “promessa”, “mentira”, “botão”, “sinal”, “banner”, “romance”, “livro”, “manifesto”, “coluna”, “arquivo”, “uniforme”, “veículo”, “arte”, “roupas”, “gesto”, “visão”, “sorriso”, “cara”, “aceno” “método”, “artimanha”, “tratamento”, “fórmula”, “solução”. “projeto”, “demonstração”, “disputa”, “iniciativa” “atitude”, “mentalidade”, “abordagem”, “pensamento” “sentimento”, “humor”, “lugar”, “marca”, “ano”, “estágio”, “era”, “situação”	“briga”, “para-choque”, “para-brisa”, “horóscopo”, “passatempo”, “camisa”, “sapato”, “chocolate”, “sobremesa”, “maquiagem” “anel”, “aliança”, “cabelo”, “olhos”, “abraço”, “aperto de mão”, “chacoalhada”, “tapa” “cumprimento”, “jeitinho”, “jeito”, “modo”, “associação”, “apoio”. “status”, “tempo”, “caminho”, “estrada”, “dia”, “mês”, “calendário”, “rota”, “período”, “promoção”, “jogo”
Total: 50	Total: 42

Tabela 2 — Núcleos nominais pesquisados.

Em cada *corpora*, descritos na Tabela 2, foram efetuadas buscas para cada uma das palavras e lidos todos os resultados. Essa busca contempla os dois primeiros padrões, ou seja, SN + discurso direto e SN + preposição de + discurso direto, exceto “aperto de mão”, para o qual foi realizada uma busca por sintagma. Para o padrão III também foi efetuada a busca por sintagma, isto é, preposição de + angulador tipo/assim. Tal como na pesquisa anterior (COSTA JÚNIOR, 2016), não foi possível elaborar um comando específico para os cruzamentos vocabulares. Isso se deve ao fato de essas construções possuírem pontos de quebra diferentes entre si, a saber, na sílaba tônica da base A, casos de *maquiamo* e *maquiadoro*, nos quais há supressão de material fonético e inserção do discurso direto na sílaba tônica do núcleo nominal; ou em final de palavra, como em *chocolateamo*, no qual há sândi externo (haplologia). Dessa forma, ainda não foi possível sistematizar um comando que fizesse uma busca satisfatória por essas irregularidades do padrão IV.

4. ANÁLISE

A partir dessas buscas, foi encontrado apenas um resultado, pertencente ao padrão III e analisado a seguir.

A ocorrência foi encontrada no *corpus* de discursos do presidente Michel Temer. Nesse exemplo (1), o então mandatário brasileiro faz um discurso em um seminário sobre investimento no Brasil, em Nova Iorque⁷. O CDD está em negrito.

1. [...] os gastos do governo não podem crescer de forma descontrolada. E até, quando a área econômica produziu a emenda, a proposta de emenda constitucional, o fez com muita responsabilidade porque não praticou um (1) **ato do tipo “vamos conter os gastos do ano que vem e vamos esquecer os próximos anos”**. Ao contrário, como o déficit era volumoso, na oportunidade, de R\$ 179 bilhões [...]. (BRASIL, 2017, s/p).

Em (1), o CDD em questão é formado pelo SN (ato), pelo angulador *do tipo* e pelo discurso direto “vamos conter os gastos do ano que vem e vamos esquecer os próximos”. O angulador em questão é do tipo analógico e tem função semântica básica de definir um elemento com base em outro, por analogia (cf. FERREIRA, 2014, p. 47). Isso significa que esse angulador enquadra parcialmente o SN no significado proposicional do discurso direto em questão porque há propriedades compartilhadas entre o “o item escopado e a categoria em que é enquadrado” (p. 47).

Em construções como “a baleia é um tipo de peixe”, aproveitado por Rosângela Ferreira (2014, p. 47), o angulador aponta que o pertencimento de “baleia”, neste exemplo linguístico, é apenas parcial à categoria “peixe”. Sugerimos que isso se deve à dificuldade de categorização em fronteiras semânticas precisas de conceitos que seriam capturados em gradiência ou prototipia, como o pertencimento de certos

⁷ Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-planalto/discursos/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-encerramento-do-seminario-de-oportunidades-de-investimento-no-brasil-promovido-pelo-financial-times-nova-york-eua>>. Acesso em 31 de março 2019.

animais a grupos específicos, tais como a baleia, mamífero que se parece com um peixe; ou um pinguim, ave que nada, tem asas que funcionam como nadadeiras e não voa. Defendemos que há uma reconceptualização, isto é, uma reinterpretação da categoria à qual o SN pertence e o angulador funciona como um perspectivizador dessa categoria ao apontar para qual domínio do conhecimento devemos recorrer para entendê-la, ainda que de forma não completa. Essa incompletude decorre, obviamente, de a baleia não ser um peixe, mas compartilhar propriedades, tais como ambiente aquático, barbatanas e nadadeiras, que a fazem parecer-se relativamente aos membros prototípicos dessa categoria.

No caso do discurso direto, essa perspectivização envolve o entendimento do SN em função da expressão advinda do *frame* de conversação. Em (1), é necessário entender a função discursiva do CDD, intimamente atrelada à interação em questão. O sentido desse modificador se relaciona ao fato de que é necessário ser responsável com os gastos públicos sempre, e não apenas em um curto período de um ano. Já a fictividade desse modificador ocorre devido ao fato de ele possuir um enunciador fictivo que é utilizado de modo generalizador. Essa genericidade advém da possibilidade de entender esse enunciador fictivo como qualquer outro enunciador real e potencial que poderia ter um comportamento financeiro irresponsável com os gastos do governo, de sorte que é possível afirmar que a metonímia subjacente a isso é a de ENUNCIADOR FICTIVO POR ENUNCIADORES POTENCIAIS REAIS.

Dessa forma, o *frame* de conversação é usado para dinamizar a categoria enquadrada, o SN, ao dar voz, marcada pelo enunciador fictivo; e forjar dinamicidade, marcada pelo discurso direto e o sequenciamento de eventos (conter gastos e esquecer os próximos) a um modificador que poderia ser apenas o termo “irresponsável”, isto é, “um ato do tipo irresponsável”. Isso converge com pesquisas anteriores (COSTA JÚNIOR, 2016), pois já havia sido sugerido que o falante talvez não

encontre no léxico um adjetivo canônico que expresse com a mesma riqueza de sentido o que usualmente faz um CDD.

Outro ponto a ser assinalado é que, em (1), não parece haver a integração e formação de novos sentidos como em “*casaquinho não me perca na neve*” (roupa de cor chamativa) ou “*maquiagem eu nasci linda*” (produto leve e que deixa a pele natural). Aparentemente, o modificador em (1) não se mescla ao sentido do SN de forma completa, pois é possível abstrair que (1) é um tipo de ironia, já que não se espera tal comportamento de um gestor financeiro; e segue sendo uma ironia ao juntar-se com o SN *ato*. Trata-se somente de um tipo de perspectiva sobre o ato que o presidente Temer diz não aprovar em seu governo.

Como já assinalado na seção 3.1, a formalidade do gênero não depõe contra a produtividade dos CDD, de sorte que não foi surpresa encontrá-lo em discursos presidenciais. O fato de os discursos políticos presidenciais serem usualmente lidos não permite categorizá-los como manifestações naturais da fala.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em *corpora* revelou apenas uma ocorrência de CDD, de modo que testes estatísticos comparativos para verificação da significância do resultado foram inviáveis. A construção encontrada, “*ato do tipo vamos conter os gastos do ano que vem e vamos esquecer os próximos anos*”, pertencente ao padrão III, consistiu em uma forma de utilizar um elemento do *frame* de conversação, um enunciador fictivo, para fazer uma generalização por meio de processos metonímicos, em vez de apenas utilizar um adjetivo canônico como “irresponsável”. Desta forma, o sentido do *assim*, a categoria escopada, é entendida de modo mais dinâmico devido ao escaneamento sequencial dos processos instanciados pelos predicados em questão (vamos conter; vamos esquecer).

Tal como em pesquisas anteriores (COSTA JÚNIOR, 2016), não foi encontrada nenhuma ocorrência em textos literários, como no *corpus* do Romantismo. Aparentemente, trata-se de uma construção mais comum em gêneros de domínio discursivo (cf. MARCUSCHI, 2008, p. 194) mais jornalístico e menos ficcional. Ainda não foi realizada uma pesquisa em gêneros como memes, cujo conteúdo de sarcasmo e crítica social converge bastante com os CDDs encontrados em português brasileiro até o momento. Ocorre que plataformas como o *Sketch Engine* ainda não permitem criar *corpus* de arquivos visuais, de forma que essa pesquisa, em um primeiro momento, poderia ser realizada na *internet*.

Como não se trata de uma construção comum na língua, que não segue padrões mais rígidos, e não é, em termos formais, completamente mapeável, o trabalho com grande quantidade de dados segue sendo um desafio, pois não é possível filtrar adequadamente os resultados devido à imprevisibilidade do *frame* de conversação. Por enquanto, ainda é indispensável que o julgamento do que é e o que não é advindo dessa estrutura de conhecimento, na forma de CDD, passe também pelo linguista.

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, Margarida. Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais. *Textos selecionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa Linguística*. Porto: APL, 2010, p. 201-210.

BIBER, Douglas. Representativeness in Corpus Design. *Literary and Linguistic Computing*, v. 8, n. 4, 1993. Disponível em:
<http://otipl.philol.msu.ru/media/biber930.pdf>. Acesso em 31 de março 2019.

BRASIL. *Discurso do Presidente da República, Michel Temer, durante cerimônia de Encerramento do Seminário de Oportunidades de Investimento no Brasil, promovido pelo Financial Times* — Nova York/EUA do dia 20 de setembro de 2017. Disponível em:
<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-planalto/discursos/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-encerramento->

do-seminario-de-oportunidades-de-investimento-no-brasil-promovido-pelo-financial-times-nova-york-eua. Acesso em 31 de março 2019.

BRUM, Eliane. "Meu filho, você não merece nada". *Revista Época*, publicado em 11 de jul. de 2011. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EMI247981-15230,00.html>>. Acesso em 31 de março de 2019.

COSTA JÚNIOR, José Carlos da. *Compostos nominais de discurso direto no português do Brasil*. 2016. 129 f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br:8080/xmlui/bitstream/handle/ufjf/2606/josecarlosdacostajunior.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 31 de março de 2019.

_____. Compostos de discurso direto na fala: pesquisa no C-Oral. *Revista Movendo Ideias*. n. 1, p. 54-64, 2018 (a). Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/Movendo-Ideias/article/view/1063/568>. Acesso em 31 de março de 2019.

_____. Cruzamento vocabular: frame de conversação e criatividade lexical. *Revista Letra Magna*. Ano 14, n. 23, p. 739-752, 2018 (c).

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FERREIRA, Rosângela Gomes. *Um tipo de construção XYZ: nova proposta de análise*. 2014. 195 f. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.posvernaculas.lettras.ufri.br/images/Posvernaculas/4doutorado/teses/2014/19-FerreiraRG.pdf>. Acesso em 31 de março 2019.

FILLMORE, Charles. Frame and the semantics of understanding. *Revista Quardeni di Semantica*, 6, 2, p. 222-253, 1985.

GOFFMAN, Erving. Footing. In RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. (Orgs). *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE Editora, 1998, p. 70-97.

GUIMARÃES, Camila; KARAM, Luiza. "A turma do 'Eu me acho'". *Revista Época*, publicado em 22 de jul. de 2012. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2012/07/turma-do-eu-me-acho.html>. Acesso em 31 de março de 2019.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago, 1987.

LANGACKER, Ronald. Virtual reality. In *Studies in the Linguistics Sciences*, v. 29, n. 2, 1999.

_____. *Cognitive Grammar*. New York: Oxford University Press, 2008.

LEAL, Eneida de Goes. *Elisão silábica e haplogogia. Aspectos fonológicos do falar da cidade paulista de Capivari*. 2006. 165 f. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-31072007-153548/pt-br.php>. Acesso 31 de março de 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

PASCUAL, Esther. *Fictive interaction. The conversation frame in thought, language, and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 2014.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana. *C-Oral Brasil: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

SEARLE, John. Indirect Speech Acts. In COLE, P. & MORGAN, J. L. (Eds.). *Syntax and Semantics*, v. 3: Speech Acts. New York: Academic Press, 1975, p. 59-82.

SKETCH ENGINE. Disponível em: <https://www.sketchengine.eu/>. Acesso em 31 de março de 2019.

TALMY, Len. Fictive motion in language and “ception”. In _____. *Toward a cognitive semantics*, v. 1. Massachusetts: The MIT Press, 2000.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Editora Perspectiva, 1979.

Recebido em: 06/01/2019

Aceito em: 24/03/2019